



BEM FELIZ DESTAQUE

## A SÍNDROME DA URGÊNCIA

Publicado em 15 de março de 2016



Não sei o que foi mais forte para mim: ler o livro ou rever o filme homônimo *Ensaio sobre a Cegueira*, do genial e premiado José Saramago, dirigido pelo cineasta brasileiro Fernando Meirelles. Saí do sofá da minha sala – numa tarde preguiçosa de um desses feriados prolongados – atônito e mexido. Aliás, muito mexido. Por instantes, me arrependi de tê-lo assistido. Logo depois, dei-me conta de que, por algum motivo, presságio ou, quem sabe, um desses sinais que a vida nos dá de presente, de vez em quando, eu precisava revisitar a história, que descreve a angústia de cegos, resguardados em quarentena, percebendo-se reduzidos à essência humana, numa verdadeira viagem às trevas.

Me questionei, por semanas, como uma narrativa já conhecida poderia me tocar tanto. Diria que até mais se comparada à primeira vez (o livro é de 1995; e o filme, de 2008) que “me foi contada”, por meio do livro. Talvez seja em função do meu momento de vida, e do que as reflexões e ideias lançadas pelo texto conectam-se com o que estou vivendo, sentindo e pensando hoje.

Pois bem. Para quem não conhece, o *Ensaio sobre a cegueira* é a fantasia de um autor que nos faz lembrar “a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam”. Em resumo, Saramago nos obriga a parar e ver, de fato, o que não necessariamente está explícito diante dos nossos olhos. Nos provoca a recuperar a lucidez e a resgatar o afeto – desafios cada vez mais constantes, diante da pressão dos tempos e de tudo aquilo que se perdeu, com o passar do tempo, sobretudo em termos de valores humanos.

Na descrição do escritor português, “trata-se de um livro brutal e violento, uma das experiências mais dolorosas da minha vida. São 300 páginas de constante aflição. Através da escrita, tentei dizer que não somos bons e que é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso”.

Fiquei pensando – e confesso que não parei de pensar ainda – nas imagens aterradoras e lamentavelmente visionárias de tempos sombrios, que parecemos estar vivendo atualmente. Sinto a Síndrome da Urgência em que a humanidade está submersa e vivo a sensação de que temos, em geral, nos mantido de pé para dar conta das urgências da nossa jornada, numa cegueira quase epidêmica em relação ao que verdadeiramente importa na vida.

O ritmo que aceitamos ser submetidos nos distanciaria de nós mesmos e do outro? O que é necessário mudar para alterar a frequência das relações? Aliás, eu concordo que há o que mudar? O quão disponível e inteiro estou para enxergar as entrelinhas do que ocorre ao meu redor? O que é verdadeiramente urgente? Quais são as minhas urgências reais? O que preciso fazer para me lembrar delas?

E quando achamos que tudo está perdido, eis que, a partir das autorreflexões, a esperança pode voltar a brotar em nossos corações. E, como no filme, temos a chance de recomeçar do zero, se necessário for, porém mais conscientes e inteiros.

Antes que eu me esqueça, qual é mesmo a sua urgência?

Compartilhe esse texto com alguém:



Email



Facebook 12



### FLÁVIO RESENDE - JORNALISTA, EMPRESÁRIO E COACH ONTOLÓGICO

Sabe onde você quer chegar? Que etapas precisa passar para atingir seus objetivos? Em meus artigos, abordarei dicas de como mapear a realidade, superar as adversidades (sejam elas crises internas, solidão, medo e até síndromes) e identificar os melhores caminhos para a obtenção dos resultados desejados.

[www.flavioresende.com.br](http://www.flavioresende.com.br) Fone: (61) 99216-9188 / (61) 3242-9058